

Cruz e cura na teologia e na poimênica de Lutero

Ricardo Willy Rieth

Resumo: O presente artigo pergunta como Lutero refletiu e agiu pastoralmente em relação ao sofrimento acarretado por doença e à cura espiritual no âmbito da experiência de fé individual e comunitária. Procura disponibilizar subsídios para refletir acerca de opções pastorais e poimênicas em relação a esse tema.

Resumen: El presente artículo cuestiona como Lutero reflexionó y actuó pastoralmente con relación al sufrimiento que deviene por enfermedad y a la cura espiritual en el ámbito de la experiencia de fe individual y comunitaria. Procura disponibilizar subsidios para reflexionar acerca de las opciones pastorales y poiménicas con relación a ese tema.

Abstract: This article deals with how Luther reflected and acted pastorally with regards to the suffering caused by illness and to spiritual healing within the realm of individual and community faith. It seeks to provide resources for reflection about the pastoral and poimonical options in relation to this theme.

1 - Introdução

Como Lutero refletiu teologicamente e agiu pastoralmente em relação ao sofrimento acarretado por doença e às curas espirituais no âmbito da experiência de fé individual e comunitária? É o que o presente estudo procura perguntar, movido pela convicção de colocar em pauta um tema atual, instigante e relevante para os âmbitos religioso, eclesial e teológico na América Latina. Quer-se, de igual modo, disponibilizar algum subsídio para refletir acerca de opções pastorais e poimênicas nesses mesmos âmbitos.

Curas espirituais ou divinas são parte fundamental de manifestações religiosas no Brasil e na América Latina. Concepções e práticas existentes na religiosidade popular (promessas dirigidas a santos e benzeduras), no protestantismo pentecostal e no catolicismo carismático (orações de cura, unções com óleo e exorcismos) evidenciam-no claramente. Ainda assim, o protestantismo tradicional neste continente, incluindo aqui o luteranismo, parece não demonstrar muita vontade e aptidão para tratar, seja teológica, seja pastoralmente, das curas espirituais como parte integrante da experiência de fé.

Lutero, como teólogo dedicado eminentemente à interpretação da Escritura Sagrada e como cura d'almas, refletiu academicamente e assumiu determinadas práticas pastorais relacionadas a isso. Apenas para citar uma situação, ao ocupar-se com o sistema sacramental da Igreja na Idade Média tardia, confrontou-se com o tema da cura no âmbito do rito da unção de enfermos (extrema unção). Tratou de fazê-lo em direta conexão com elementos centrais em sua teologia. Isso porque a realidade humana, marcada pela tensão entre vida e cruz (sofrimento, doença, morte), representa uma das bases fundamentais a partir das quais o reformador pergunta pelo que Deus é e faz. De igual modo, é elemento central no questionamento a respeito da existência da pessoa crente. Portanto, a cura ou não do sofrimento humano relaciona-se de um modo ou outro com seu pensamento sobre o ser e o agir de Deus, bem como sobre sua concepção a respeito da vida das pessoas, principalmente daquelas que têm como referência existencial a fé cristã.

As considerações abaixo de modo algum querem ser conclusivas. Procuram suscitar tão somente alguns aspectos da temática, bem como disponibilizar elementos que subsidiem a discussão e investigações futuras¹.

¹ Na origem deste artigo está um projeto de intercâmbio apoiado pelo Programa de Cooperação Internacional CAPES/DAAD (PROBAL) realizado por pesquisadores da Universidade de Bayreuth, Alemanha e da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS. Agradeço à CAPES, pela viabilização material do projeto, aos/às colegas Reinhard Feldmeier, Wolfgang e Ingrid Schobert, Martin Hailer, Martin Engelbrecht e Francis Back (Bayreuth); Uwe Wegner, Lothar Carlos Hoch, Oneide Bobsin e Roberto Zwetsch (São Leopoldo), pelo diálogo franco e fraterno, e a Helmar Junghans, professor emérito da Universidade de Leipzig, Alemanha, pelas reações a uma primeira versão deste artigo.

2 - Vida cristã e discipulado sob a cruz

Para Lutero, todos os objetos de fé devem estar absconditos, ocultos². Isso significa que também o modo de ser cristão (*Christenstand*), ou vida cristã, precisa estar oculto sob sua forma contrária. Sua glória tem que apresentar-se na inferioridade, sua grandeza na ignomínia, sua alegria no sofrimento, sua esperança no desespero e sua vida na morte. Lutero leva a sério as palavras: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16.24), mas não quer interpretá-las na direção de um ascetismo radical ou de uma experiência mística.

As pessoas cristãs igualam-se a seu Mestre em tudo, inclusive no sofrimento. Em razão disso, assumem também sua ignomínia e o desprezo contra sua pessoa. A vida cristã caracteriza-se como um estado de baixeza, correspondente à situação de humilhação pela qual Cristo passou³. A vida cristã é uma jornada marcada pelo sofrimento, um discipulado sob a cruz. Ela conduz ao sofrimento. O sofrimento de Cristo torna-se presente diariamente na existência da pessoa crente. Não se trata de um sofrimento de escolha própria, voluntarioso, algo que Deus rejeita por completo. A cruz na vida cristã é uma obra do Espírito Santo⁴. O sentido do sofrimento é o de desdobrar e fortalecer a fé. O sofrimento também pode ser castigo pelo pecado⁵, mas o mais característico para a teologia da cruz de Lutero é a vinculação entre sofrimento e fé⁶. É no sofrimento que Deus vem em direção à pessoa crente, trata-se de um sinal da graça de Deus e uma comprovação da filiação divina⁷.

Discipulado do sofrimento é discipulado sob a cruz. A cruz foi erguida em meio à vida de Cristo e torna a vida da pessoa cristã um discipulado de sofrimento. O sofrimento não é compreendido por Lutero em perspectiva cosmológico-metafísica, mas teológica, isto é, não toma como referência a natureza humana, mas a revelação de Deus na história. Por isso, o sofrimento nada tem a ver com “boas obras”. Há uma pertença mútua entre a cruz de Cristo e a cruz da pessoa crente, a qual exclui toda e qualquer idéia de mérito humano⁸.

2 Cf. WA 18, 633, 7ss. Os escritos de Lutero serão citados a partir de: D. MARTIN LUTHERS WERKE: kritische Gesamtausgabe, Weimar, 1883-, sigla usada “WA”, e Martinho LUTERO, *Obras selecionadas*, São Leopoldo; Porto Alegre, 1987-, sigla usada “OSel”. A bibliografia secundária utilizada aparece listada ao final do artigo.

3 Cf. WA WA 31, 2. 36. 38ff; 43, 672, 27ff; 44, 109, 38ff.; 2, 600, 10ff

4 Cf. WA WA 5, 177, 5ff; 108, 38ff; 3, 167, 24ff; 18, 489, 15ff

5 Cf. WA 1, 182, 16ss.

6 Cf. WA 5, 137, 36ff; 389, 9ff; 6, 208, 6ff

7 Cf. WA 44, 265, 18ss.

8 Cf. WA 31, 2, 165, 1ff; 40, 2, 171, 23ff.

A vida da pessoa cristã é um “ser crucificado com Cristo”⁹. Isso está relacionado intrinsecamente com a obra de Cristo e não apenas à doutrina da santificação.

Pois a obra própria e natural do sofrimento de Cristo consiste em levar o ser humano à conformidade com Cristo. Assim como Cristo é martirizado física e psiquicamente de forma terrível em nossos pecados, também nós, à sua semelhança, devemos ser martirizados na consciência pelos nossos pecados. [...] Pois não há como alterar a exigência de te conformares com a imagem e o sofrimento de Cristo, quer nesta vida, quer no inferno [...]. Pois o sofrimento de Cristo não deve ser tratado com palavras e aparências, mas com a vida e com veracidade.¹⁰

Partindo desta visão de Lutero a respeito de vida cristã, cruz e sofrimento, haveria espaço para curas espirituais, isto é, para curas relacionadas de algum modo à fé?

3 - Unção dos enfermos: da *extrema* à *intermediária* (e cotidiana)

Em sua obra “Do cativoiro babilônico da Igreja – um prelúdio...”¹¹, Lutero polemizou contra a estrutura sacramental eclesiástica de seu tempo. Encerrou-a com uma crítica à compreensão e à prática correntes do sacramento da “Extrema Unção”.

No centro de sua argumentação estão duas afirmações básicas: (1) A unção não é sacramento; (2) A unção é falsamente compreendida e praticada como extrema unção, já que não corresponde de forma alguma a intenção de seus textos bíblicos fundantes, Tg 5.14-16 e Mc 6.13. Se a unção fosse um sacramento, deveria ser um sinal eficaz daquilo que com ela é referido e prometido. No entanto, a promessa: “A oração de fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará” (Tg 5.15) é cumprida tão só em pouquíssimos casos¹².

Conforme Lutero, Roma estaria contradizendo a opinião do apóstolo ao transformar o rito – por si mesmo um conselho – em uma unção especial e “extrema”.

Ele não queria que fosse extrema e que fosse administrada apenas aos moribundos. Mas diz de maneira absoluta: “Se alguém está enfermo”; não diz: “Se

9 Cf. WA 1, 338, 12ff; 4, 476, 26ff; 5, 445, 37ff

10 Cf. OSel 1, 253 e 256 / WA 2, 138, 19ss; 35ss; 141, 37ss.

11 OSel 2, (341), 343-433.

12 Cf. OSel 2, 420.

alguém está morrendo.” [...] O mais bonito, porém, é que a promessa do apóstolo diz expressamente: “A oração de fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará”, etc. Vê, aqui o apóstolo ordena ungir e orar para que o enfermo sare e melhore, isso é, para que não morra e para que não seja a extrema unção. Isso provam até hoje as preces que são proferidas enquanto se unge, através das quais se pede que o enfermo se restabeleça. Eles, ao contrário, insistem que a unção deve ser administrada somente aos moribundos, isso é, para que não saírem e não se levantem.¹³

Segundo Lutero, esta unção seria em verdade a mesma citada em Mc 6.13. Trata-se de um costume das primeiras pessoas cristãs. Não seria, porém, alcançado a todas as pessoas enfermas, pois a enfermidade era considerada a glória da Igreja, e a morte, lucro (Fp 1.21). “É somente para aqueles que sofrem a enfermidade com maior impaciência e fé rude. Esses foram deixados pelo Senhor para que neles aparecessem os milagres e o poder da fé.”¹⁴

O apóstolo Tiago também teria escrito com muita clareza que o determinante em tudo não seria a unção com óleo, mas a oração da fé. Exatamente por isso não se trata de sacramento. Um sacramento não exige a oração ou a fé do ministro da Igreja para operar a graça divina. Baseia-se tão-só na promessa e instituição de Deus, exigindo fé de quem o recebe para que tenha o proveito devido. Da maneira como a unção era praticada então, sendo destinada unicamente a enfermos terminais, não havia espaço para a fé que se dirige a Deus na esperança de seu restabelecimento: “[...] onde está a oração de fé no hodierno uso da Extrema-Unção? Quem ora sobre o enfermo com tal fé que não duvida que este se restabelecerá? Pois é tal oração de fé que Tiago descreve aqui, da qual também havia dito no princípio: ‘Peça, porém, com fé, em nada duvidando.’ [Tg 1.6.] E Cristo: ‘Tudo quanto pedirdes, crede que o recebereis, e assim vos sucederá.’ [Mc 11.24.]”¹⁵

Para Lutero, não havia dúvidas de que tal oração sobre uma pessoa enferma poderia ser praticada mesmo em sua época. Principalmente se conduzida por “homens mais velhos, respeitáveis e santos”. Pois a fé pode tudo. Por seu meio muitas pessoas poderiam chegar à cura de suas doenças. Na Igreja de seu tempo, contudo, os “presbíteros” não seriam mais os “velhos, respeitados e santos”, mas todo e qualquer sacerdote. Além disso, de uma unção livre e cotidiana ter-se-ia feito uma “extrema” unção. Dessa forma,

13 Cf. OSel 2, 419.

14 Cf. OSel 2, 420.

15 OSel 2, 421.

não se alcança a saúde e ainda por cima destrói-se a unção original, porque através dela é operado o exato oposto do que deveria oferecer¹⁶.

Paz e perdão são distribuídos por intermédio desse rito, não porque tenha sido instituído por Deus como sacramento, mas porque a pessoa enferma crê receber paz e perdão da parte de Deus. A fé da pessoa ungida alcança até mesmo aquilo que o ministro, que lhe confere a unção, não conseguiu ou não quis dar. “Ao ungido basta ouvir a Palavra e nela crer, pois em verdade obtemos tudo o que cremos que receberemos, seja lá o que o ministro faça, simule ou engane. Vale a sentença de Cristo: ‘Tudo é possível para quem crê.’ [Mc 9.23.] E: ‘Seja-te feito como creste.’ [Mt 8.13].”¹⁷

Lutero conclui suas observações críticas acerca da extrema unção apelando à ironia. Por ter se tornado a última unção, foi menos escarnejada e dela se fez menos objeto de tirania e lucro. Caso tivesse permanecido cotidiana e, principalmente, caso houvesse curado doentes, mesmo sem tirar pecados, quanto maior não seria a quantidade de terras nas mãos dos pontífices¹⁸?

Apesar de toda a polêmica, três pontos abordados pelo reformador revelaram-se altamente significativos para a temática proposta pelo presente artigo:

- (1) A unção de pessoas enfermas (rito, oração) pertence ao cotidiano da existência cristã e não deve ser abolida em razão de sua prática abusiva;
- (2) A fé da pessoa ungida – que nasce do ouvir da Palavra – exerce a função decisiva para que seja vivenciada a experiência da cura;
- (3) Ainda assim, quem ministra (presbíteros, isto é, “homens mais velhos, respeitáveis e santos”) cumpre uma função importante. Por alguma razão (oriunda de sua leitura de Tg 5.14-14, mas provavelmente não só por isso), Lutero valoriza extremamente a relação que se estabelece entre a pessoa enferma e os ministros que a visitam. Não seria talvez por incorporarem à beira daquele leito de dor a comunidade cristã, à qual pertence a pessoa enferma, o lugar por excelência onde esta descobriu a fé que abre seus sentidos para experimentar a salvação (*Heil*) e a cura (*Heilung*) realizadas por Deus?

16 Cf. OSel 2, 421.

17 Ibid.

18 Cf. OSel 2, 422.

4 - Fé ao invés de/como milagre: Jesus e o centurião de Cafarnaum

Relevante para o tema em questão é uma prédica com base na história da cura do criado do centurião de Cafarnaum por Jesus (Mt 8.5-13), proferida por Lutero no Domingo Sexagesima de 1535¹⁹.

Lutero parte da constatação de que o texto bíblico em questão testemunha acerca de dois milagres. De um lado, Jesus cura o servo do centurião romano. De outro, a fé deste homem revela-se como um verdadeiro – “o verdadeiro!” – milagre. Jesus consideraria milagre algo que as pessoas não julgariam ser milagre. Em geral, chamariam de milagre a cura de cegos, surdos e leprosos. Lutero não quer negar que tais curas sejam milagres. Das palavras de Jesus, no entanto, aprende que ele via a coisa de uma outra perspectiva. “Ele [Jesus], porém, considera muito maior aquilo que acontece com a alma do que com corpo. Pois, na medida em que a alma é melhor e maior do que o corpo, tanto mais e muito mais há de ter-se em conta esse milagre, que ele aqui enaltece em lugar dos outros, que acontecem no corpo.”²⁰

Dois tipos diferentes de milagres teriam ocorrido. É fato que Jesus realiza milagres diariamente, o que continuará acontecendo até o dia do juízo. Os milagres que têm a ver com curas, no entanto, seriam na época de Lutero tão raros como nos tempos do Novo Testamento. A razão é que Deus os opera somente em determinadas situações. Daquela feita, havia que fundar e instituir a Igreja através do batismo e do ministério da pregação. “Pois assim Deus sempre fez, quando quis abolir o ensino antigo e introduzir o novo em seu lugar. Tratava de confirmá-lo com sinais milagrosos. No momento em que o novo ensino estava instituído e aceito, parava com os sinais.”²¹ No passado, Deus teria agido exatamente assim em meio ao povo de Israel. Esses milagres físicos (*corporalia miracula*) acontecem exclusivamente por causa das pessoas e sua fé. “Por causa de nós [Deus] o faz, a fim de sermos fortalecidos na fé por meio deles.”²² Em razão disso, tais milagres e sinais físicos não seriam eternos e corriqueiros, pois Deus em nada se importa com eles, realizando-os apenas por amor às pessoas, com o objetivo de que a cristandade comece a crer²³.

19 WA 41, (XVIII) 17-33.

20 WA 41, 19, 24-27.

21 WA 41, 20, 12-15.

22 WA 41, 20, 7.

23 Cf. WA 41, 20, 22-24.

Nessa linha de raciocínio, a pergunta ou anseio por mais e diferentes milagres demonstraria dúvida perante os fundamentos da fé. Por que e para que deveriam ocorrer, se o ensino já é certo e confirmado? A exigência de mais sinais seria equivalente a duvidar do batismo, do sacramento do altar e de todo ensino do evangelho. A partir dessa afirmação, Lutero passa a discutir a fé do centurião. Esta, mesmo não parecendo um sinal milagroso, também é uma obra milagrosa elevada e grande²⁴. Não tem a aparência e o nome dos outros sinais, que podem ser vistos e captados pelos sentidos, tais como fazer com que cegos vejam e surdos ouçam. Ainda assim, o fato de uma pessoa ter uma fé “bonita, forte e correta” é um grande milagre, estimado por Jesus como “milagre acima de milagres”²⁵.

Em vários momentos da prédica, grande destaque é dado à surpresa e à admiração de Jesus quanto à experiência de fé do centurião romano (Mt 8.10). Jesus é apresentado como alguém que efetivamente se admira com o que vivencia. Alguém que com extrema humanidade se admira com o que normalmente não causa admiração às pessoas.

Jesus admirou-se, ou seja, apresentou-se como alguém que se admira. Não representa ou finge algo, mas verdadeira e seriamente esteve admirado, assim como outra pessoa fica admirada com algo. Pois já foi dito com frequência que coisa alguma na humanidade de Cristo pode ser suspensa, abreviada ou ampliada, mas que ele precisa ser considerado uma pessoa verdadeira, natural, com olhos, nariz e todos os membros. De igual modo, com os mesmos pensamentos que outra pessoa, podendo entristecer-se, admirar-se e alegrar-se assim como nós. Pois não teve apenas o corpo de uma pessoa, mas também a alma completa. Por isso sua admiração com o centurião é verdadeiramente sincera.²⁶

Lutero descreve demoradamente a fé do centurião. Detalha entre outras coisas como aquele homem: promovia o culto dos judeus (a partir de Lc 7.5); amava seus servos, instruindo-os na fé; não se comportava como assaltante e assassino, apesar da péssima fama atribuída a ocupantes de sua função, e apresentava-se em humildade diante de Jesus, diferentemente do que os judeus.²⁷ Desse modo, coloca a fé em primeiro e a cura em segundo plano. Jesus, que mais do que ninguém se apresenta no Novo Testamento como alguém que cura, é descrito por Lutero como alguém interessado principalmente na fé das pessoas. As curas são instrumentalizadas. Sua realização é

24 Cf. WA 41, 21, 7s.

25 Cf. WA 41, 21, 19-21.

26 WA 41, 24, 18, 33 – 19, 19.

27 Cf. WA 41, 24, 29-31.

condicionada pela revelação do ensino, que faz surgir e mantém a Igreja. A fé ocupa a posição central e a cura pouco se relaciona a ela. Pessoas e igrejas cristãs, que negligenciam as curas espirituais em sua teologia e prática, deveriam buscar no Lutero desta prédica as bases para seu posicionamento? São aqui efetivamente dadas as bases para tal?

5 - Cura espiritual e cura d'almas

Lutero fez interessantes comentários em diferentes situações de sua vida marcadas por doença e cura. Isso pode ser verificado a partir de suas cartas e diversos registros de conversas informais (*Tischreden*), embora o conteúdo dos últimos, por seu valor inferior como fonte, deva ser relativizado e confrontado com textos da própria pena do reformador. Assim, quatro anos antes de morrer, lembrando momentos passados, teria dito: “Por meio de oração, trouxemos de volta à vida três mortos, a saber, eu próprio, minha Kethe [sua esposa Catarina] e Filipe [Melanchthon], o qual já estava de olhos esbugalhados em Weimar.”²⁸ Isso deixa transparecer que Lutero incluía a oração pela cura em sua prática de cura d'almas.

Em uma carta de 1545, dirigida ao pároco de Belgern, Severin Schulze, o reformador sugere um procedimento baseado em sua própria experiência, para curar por meio de oração um homem tentado pelo diabo²⁹. Parte da informação, fornecida previamente por Schulze, de que todos os tratamentos experimentados por médicos, naquele caso, fracassaram. O mal do paciente recebeu o diagnóstico de “profunda melancolia”. Para casos assim, escreve Lutero, não existiria consolo algum no mundo³⁰. Seria possível tratar-se de uma “tentatio Diaboli”. Contra essa tentação diabólica é preciso agir por meio da oração da fé no poder de Cristo. Desse modo, ele próprio, Lutero, teria certa vez curado um fabricante de porta-jóias de sua demência³¹.

Lutero sugere os seguintes passos, que – como informa – correspondem a seu modo de proceder:

- (1) Schulze deveria visitar o enfermo juntamente com o capelão e dois ou três homens de bem (*bonis viris*). Quanto a si próprio, deveria agir em confiança certa (*fiducia certa*), porque está investido de um ministério eclesiástico público e é o pároco do lugar³²;

28 WA TR 5 (5407), 129, 31-33.

29 WA Br 11, 111s.

30 Cf. WA Br 11, 112, 7.

31 Cf. WA Br 11, 112, 11: “quem oratione curauimos in Christo”.

32 Cf. WA Br 11, 112, 12-14.

- (2) Schulze deveria impor suas mãos sobre o enfermo e dizer: “Paz seja contigo, irmão, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”. Em seguida, em voz alta (*audibili voce*) deveria orar sobre ele o Credo Apostólico e o Pai-Nosso.
- (3) A invocação de Deus, em casos assim, quando se pede pela cura, deveria ocorrer com base em Jo 16,23s (Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome), Mt 7,7s (Pedi, e dar-se-vos-á) e no Sl 50,15 (Invocame no dia da angústia, eu te livrarei e tu me glorificarás). O teor da intercessão deveria ser o seguinte: “Em razão disso, nós, indignos pecadores, com base em tua Palavra e no mandamento de teu Filho, pedimos por tua misericórdia, tanto quanto a nossa fé nos permite, que te disponhas a libertar essa pessoa de todo mal e a exterminar nela a obra de Satanás. Faça-o para tua glória e para o aumento da fé e dos santos por meio de teu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, que habita contigo e governa por toda a eternidade. Amém”³³;
- (4) Ao despedir-se, Schulze, impondo novamente as mãos sobre o enfermo, deveria proferir mais uma palavra bíblica, desta vez Mc 16,17s. (Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados);
- (5) O ritual deveria acontecer três vezes em um mesmo dia. Não menos do que isso deveria interceder-se publicamente na igreja, até Deus ouvir (*donec Deus exaudiat*).

O que se observa neste ritual de oração por cura e de exorcismo elaborado por Lutero e, conforme seu testemunho, oficiado por ele diversas vezes, é o fato de palavras bíblicas estarem em primeiro plano. Deus age por sua Palavra também no âmbito da cura. A consciência e a confiança dos protagonistas são fortalecidas, quando se enfatiza que estão agindo em nome de Deus e no âmbito do exercício público de seus ministérios. A intervenção de Deus não é colocada na dependência da fé dos ministros, da comunidade ou do enfermo. Por outro lado, a fé tem um papel extremamente importante, já que por ela movidos os protagonistas insistem e teimam na oração, até que Deus escute.

Existe correspondência entre esta prática como cura d’almas e as bases teológicas propostas por Lutero em seus tratados e prédicas para a rela-

33 Cf. WA Br 11, 112, 20-25).

ção entre doença e cura espiritual? Especialmente aquelas bases que descrevem a vida cristã como existência sob a cruz de Cristo, ou que relegam às curas o lugar de manifestações secundárias nos âmbitos do agir de Deus e da fé? No complexo temático doença-cura, o legado de Lutero é marcado pela ambigüidade entre pensamento e ação?

6 - Conclusão: teses para discussão

- (1) Curas espirituais constituem o centro do testemunho e da prática de muitas igrejas e movimentos religiosos no contexto latino-americano. Doutrinas e rituais no âmbito da religiosidade popular e do cristianismo carismático e pentecostal evidenciam isso claramente.
- (2) O protestantismo clássico – inclusive o luteranismo – tem se mostrado até o momento pouco propenso a confrontar-se com essa realidade das curas no âmbito da experiência religiosa, seja na perspectiva da reflexão teológica, seja na prática da cura d’almas.
- (3) O sofrimento constitui fundamentalmente a realidade humana. O questionamento que Lutero faz a respeito de Deus – quem é e o que faz – e das pessoas crentes vincula-se estreitamente a isso.
- (4) A vida cristã é descrita por Lutero como discipulado sob o sofrimento. Ela conduz ao sofrimento de Cristo, que torna-se presente na vida cotidiana da pessoa crente. Não se trata de um sofrimento por escolha própria. Isso é completamente rejeitado por Deus. Trata-se de obra do Espírito Santo. Sentido e alvo do sofrimento estão no desdobramento e fortalecimento da fé.
- (5) Discipulado sob o sofrimento é discipulado sob a cruz. Lutero compreende o sofrimento teologicamente, isto é, não a partir da natureza humana, mas da revelação de Deus. Em seus fundamentos, o sofrimento nada tem a ver com boas obras.
- (6) Retomar a teologia da cruz na relação com o tema aqui proposto estabelece uma forte tensão. Se a vida cristã é discipulado sob a cruz, em nada fica evidente por que uma pessoa crente deva buscar a cura do sofrimento.
- (7) Por outro lado, as afirmações sobre a vida cristã presentes na teologia da cruz precisam ser consideradas no contexto mais amplo do pensamento de Lutero. É preciso dar ampla margem também para

suas ênfases no louvor pela criação e na gratidão pelas dádivas de Deus. Isoladas de modo absoluto, as afirmações sobre o discipulado sob o sofrimento poderiam gerar a impressão de que, quem não sofre, não seria verdadeiramente uma pessoa cristã. Não haveria mais lugar para alegria e gratidão. Bem-estar seria motivo para dor de consciência.

- (8) A intenção básica de Lutero precisa ser preservada e essa vincula o discipulado em relação a Cristo à disposição ao sofrimento em decorrência da fé. À vida cristã pertence uma prontidão, uma disposição ao sofrimento, que não rejeita confessar o nome de Cristo quando isso poderia trazer desvantagem.
- (9) Nesse sentido, fugir do sofrimento poderia representar carência de confiança em Deus, falta de fé. O sofrimento, porém, não é um fim por si mesmo, no sentido de que a pessoa se assegure de sua existência cristã. Mas pode ser uma consequência do confessar a Cristo. Uma pessoa cristã não deveria surpreender-se em caso de rejeição ou perseguição.
- (10) Que dizer do sofrimento espiritual e físico, que independentemente da confissão do nome de Cristo acometem uma pessoa. Com frequência, pessoas são levadas por causa disso a refletir sobre a própria vida, encontrando, aprofundando ou então perdendo sua fé em Cristo. As pessoas não precisam preservar esse sofrimento para permanecerem cristãs. Podem, sim, devem pedir a Deus por cura.
- (11) Como Lutero se manifestou a respeito da cura “institucionalizada eclesiasticamente”? Para ele, paz e perdão são alcançados na unção de pessoas enfermas, não porque esta foi instituída por Deus como sacramento, mas porque a pessoa enferma crê receber perdão de paz da parte de Deus. A fé de quem é ungido alcança até mesmo o que a pessoa ministrante não pode ou não quer dar. À pessoa ungida basta ouvir e crer na Palavra. O que ela crê receber, isso ela verdadeiramente recebe, independente de como os ministros da Igreja pensem e ajam.
- (12) Em síntese: (a) a unção de pessoas enfermas pertence ao cotidiano da existência cristã e não deve deixar de ser ministrada por causa de seu abuso; (b) a fé da pessoa ungida – que nasce do ouvir a Palavra – tem o papel decisivo para que se experimente a cura; (c) as pessoas que ministram, ainda assim, cumprem uma função

importante, a saber, levam para junto da pessoa enferma a presença da comunidade cristã, o lugar onde salvação e cura acontecem pelo falar e agir de Deus.

- (13) Relevante também é a reflexão de Lutero sobre o complexo temático cura-milagre-fé a partir do encontro de Jesus com o centurião romano (Mt 8.5-13). O texto bíblico testemunharia acerca de dois milagres: a cura do servo e a fé do centurião. O segundo deles, contudo, é o verdadeiro milagre, como poder-se-ia inferir das palavras de Jesus. Este considera milagre o que não é visto como milagre pelas pessoas. Milagres como a cura do servo (*corporalia miracula*) ocorreriam apenas por causa das pessoas e de sua fé.
- (14) A surpresa e a admiração de Jesus perante a fé do centurião são destacadas por Lutero. Jesus é apresentado como alguém que se surpreende com coisas que as pessoas consideram banais e corriqueiras. Coisas que elas não consideram milagres.
- (15) De importância é também o lugar da cura espiritual na prática poimênica de Lutero. Fica evidente que dela fizeram parte orações por cura e exorcismos. Na prática ritual, palavras bíblicas são colocadas em primeiro plano, além do Credo Apostólico como síntese do conteúdo da Escritura. Deus age por meio de sua Palavra também no que diz respeito à cura.
- (16) A consciência das pessoas ministrantes é reforçada com a ênfase na certeza de que agem em nome de Deus e no âmbito do exercício público de seus ministérios. A intervenção divina independe da fé dos ministrantes e da comunidade. Sua fé, porém, tem um papel importante, pois quem ministra é por ela instado a insistir na oração, até que Deus escute.

Bibliografia consultada

BLAUMEISER, Hubertus. *Martin Luthers Kreuzestheologie – Schlüssel zu seiner Deutung von Mensch und Wirklichkeit: eine Untersuchung anhand der Operationes in Psalms (1519-1521)*. Paderborn, 1995.

EBELING, Gerhard. *Luthers Seelsorge: Theologie in der Vielfalt der Lebenssituationen an seinen Briefen dargestellt*. Tübingen, 1997.

FRITSCHKE, Ulrich. Heilung Heilungen II: Kirchengeschichtlich/ethisch, praktisch-theologisch. In: *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin, 1985. v. 14, p. 768-774.

KELSEY, Morton T. *Healing and christianity in ancient thought and modern times*. New York; Evanston; San Francisco; London, 1973.

LOEWENICH, Walther von. *Luthers theologia crucis*. 6. ed. Bielefeld, 1982.

SCHIIPPERGES, Heinrich. *Der Garten der Gesundheit: Medizin im Mittelalter*. München, 1990.

SCHIPPERGES, Heinrich; SEIDLER, Eduard; UNSCHULD, Paul U. (Eds.). *Krankheit, Heilkunst, Heilung*. München, 1978.

STÄHLIN, Rudolf Zur Theologie des Heilens, *Wege zum Menschen*, v. 19, p. 417-425, 1967.

VORGRUVILER, Herbert. Krankensalbung. In: *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin, 1990. v. 19, p. 664-669.